

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

D O

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

IBECC

(Orgão Nacional Brasileiro da UNESCO)

Séde: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil.

-----

TREZE ADIVINHAS

Comunicação à CNFL por Mário Martins Meireles, da Comissão

Maranhense

É a adivinha, por certo, no campo dos estudos das manifestações da sabedoria, arte e literatura populares, o setor mais interessante; é, para meu gosto, o prato de maior e melhor sabor no cardépio folclórico, si me permitem a comparação. E, dentre elas, as que se apresentam sob forma versificada...

Por que? Talvez não possa dizer-lo...; reminiscências da infância talvez.

Quanta poesia! Quanta inspiração! Quanta "filosofia"! E tudo isso nascido do mais absoluto anonimato!...

Não obstante, ressalta e lamenta Théo Brandão (Folclore de Alagoas - "Adivinhas Populares") que de todas as espécies sob que se manifesta a sabedoria, a literatura e a arte populares, nenhuma tem sido menos explorada no Brasil, que a dos enigmas e adivinhações, oferecendo, para serem acrescido às cinquenta coligidas pelo Dr. José Maria de Melo, outras tantas, contribuição valiosa para uma coletânea geral no Brasil.

Eu, por minha vez, atendendo à solicitação do nosso brilhante confrade Domingos Vieira Filho, atual Secretário Geral da Sub-Comissão Maranhense, venho apresentar umas poucas, que se me afiguraram mais interessantes, deixando de lado, é certo, outras muitas, porque absolutamente iguais às já coligidas algures; é uma modesta contribuição maranhense para a coletânea geral. São justamente treze - o número da superstição -, de oito das quais não me recordo, no momento, de ter visto antes quaisquer variantes, conquanto devam existir fatalmente.

Ouvi-as, todas treze, de uma velha tia otogenária, algumas delas provocadas pela leitura das variantes já registadas em livros, como irei indicando, e outras porque conversa puxa conversa...

- Essa eu sei diferente, dizia-me a tia às vezes. E outras vezes perguntava: - E esta, o moço do livro nunca ouviu?!

Ei-las, para a apreciação dos estudiosos.

I- Somos dois irmãos,  
Iguais em condição;  
Eu nunca perdi a missa,  
Como perdeu meu irmão;  
Para festas e banquetes,  
A mim me convidarão;  
Para guisados de cosinha,  
Convidarão meu irmão.

(Vinho e Vinagre)

Veríssimo de Melo ("Adivinhas" - Natal, 1948) anota, à pag.42, esta variante: "Eramos dois irmãos unidos,

Todos dois de uma côr;  
Nunca eu fiquei sem missa,  
Quando meu irmão ficou;  
Para festas e banquetes,  
A mim me convidarão;  
Para festas de cosinha  
Convidarão meu irmão?"

Théo Brandão (obra citada) regista à pag. 42, estoutra, resumida:

"Nós somos dois irmãos gêmeos,  
Mas tenho sorte mesquinha:  
Meu irmão serve na igreja,  
E eu sirvo na cosinha".

E, à mesma página, transcreve uma, colhida por Leonardo Mota ("Sertão Alegre"): "Somos dois irmãos no nome,  
Mudados no parecer;  
Meu irmão não vai à missa,  
Tu não a posso perder;  
Pra festas e batizados  
A mim me convidarão,  
P'ra negócios de cozinha,  
Isso é lá com meu irmão".

II- Casa caiada,  
Bonina amarela,  
Todos vão dentro,  
Ninguém mora nela. (Igreja)

Amadeu Amaral em suas Adivinhações (In "Antologia do Fólclore Brasileiro", de Luis da Câmara Cascudo) consigna:

"Casa caiada,  
Bonina amarela,  
Telhado de vidro,  
Ninguém entra nela". (Óvo)

Théo Brandão, no livro referido, apresenta uma série de variantes (José Maria, Cardoso Martha, Marin, Vigo, Rolland), todas, porém, igualmente pertinentes a Óvo. A respeito, permito-me transcrever, data vênica, uma nota de Domingos Vieira Filho, à margem da página 55 do seu volume do "Fólclore de Alagoas":

Formosa variante maranhense:

"Redondinha, redondão  
Não tem porta, nem portão.

III- Cinza foi meu nascimento,  
Do meu viver ninguém se espante,  
Das sete filhas que tive,  
A derradeira foi santa. (Quaresma)

Eis as variantes registadas pelos autores invocados anteriormente:

Amadeu Amaral - "Meus princípios foram cinzas,  
Do meu viver ninguém se espanta,  
De sete irmãs que eu tinha,  
A derradeira foi santa".

Veríssimo de Melo - "Meu nascimento foi cinza,  
De meu viver ninguém se espanta,  
De sete filhas que tive,  
A última delas foi santa".

José Maria (apud  
T. Brandão) - "O meu princípio foi cinza,  
De meu viver ninguém se espanta;  
De sete irmãs que tive,  
A derradeira foi santa".

IV - Uma velha engiridinha,  
Com uma tranquinha no c...;  
E lá passa - passa é.  
Não adivinharás êste ano,  
Nem no outro que vier,  
Sinão quando eu te disser. (Passa)

Nas Adivinhações de Amadeu Amaral, na "Antologia" citada, vem assim resumida:

"Passa, passa é;  
Burro é  
Quem não disser".

Théo Brandão, além de variantes coligidas por Teófilo Braga e Rodríguez Marin, dá esta, de José Maria de Melo:

"Uma velhinha "encruiadinha"  
Num galhinho passa é  
Besta é quem não dissé"

V- Uma meia, meia feita;  
Outra meia, por fazer;  
Me diga minha senhora  
Quantas meias venham a ser. (Meia)

Théo Brandão regista à pag. 81 do seu livro citado:

"Uma meia, meia feita,  
Outra meia, por fazer;  
Diga-me senhor doutor  
Quantas meias vêm a ser?"

As outras oito adivinhas, de que, no momento, não conheço variantes a registar, são as seguintes:

VI- Sou um navio ocupado  
Só por gente endinheirada;  
Si me vizes na oração,  
Logo scu preposição;  
Feita de linha, cabo ou retrós,  
Acabo sempre por ter uns nós;  
Vou na vasante, venho na cheia,  
Côrro na vaga, durmo na areia;  
Lá no meu canto dependurada  
Por boa gente sou procurada. (Rêde)

VII-Sou teatro de prazeres  
E de imensas aflições;  
A velhice e a mocidade  
Comigan afogam paixões;  
Os ricos que a mim se chegam,  
De tudo que têm se esquecem;  
Os pobres têm refrigério  
Dos trabalhos que padecem;  
De noite gente de bem,  
Busca a minha companhia,  
Porém vadios e ladrões  
Só me procuram de dia. (Cama)

VIII-Da Europa bem acondicionada vem,  
Limpa e bem polida;  
Em mão de qualquer bela moça  
Dão primor à vida. (Aguilha)

IX- Macho foi meu nascimento,  
Fêmea me quiseram fazer,  
Eu dei uma volta no corpo,  
Macho tornei a ser. (Leite, Coalhada e Queijo)

X- Ando e desando no dia,  
De noite às vezes também;  
Descontam-se os meus passos,  
Nas horas que o dia tem.  
Muitos comigo vêm ter,  
Com a morte eu lhes dou fim,  
Porque também sei vingar-me  
De quem anda contra mim. (Mar)

XI- Por cima de ti me deito,  
Tudo que tenho te meto,  
Si não mexeres com os quartos,  
Nada teremos feito. (Pôço)

XII- Nasci em matas queimadas,  
Criei-me sem ser com pão,  
Tenho vinte e cinco dedos,  
Na metade de uma mão. (Milho)

XIII- Quando eu meti, fui gostando;  
Quando gostei, disse- bole;  
Quando entrou, entrou dura;  
Quando saiu, saiu mole. (Cana de moagem)

-----